

CADMO

Revista do Instituto Oriental
Universidade de Lisboa

15

天十廿三廿十
廿十廿三廿十
廿十廿三廿十
廿十廿三廿十

LUÍS MANUEL DE ARAÚJO, *Estatuetas funerárias egípcias da XXI dinastia* (Textos Universitários de Ciências Sociais e Humanas), Fundação Calouste Gulbenkian/Fundação para a Ciência e a Tecnologia, Lisboa 2003, 1114 pp. + 2 pp. de resumos. ISBN 972-31-1020-2. Distribuição Dinalivro

Esta Obra corresponde à tese de doutoramento em História Pré-clássica (especialidade de Egiptologia) apresentada pelo Autor à Universidade de Lisboa em 1998, aligeirada dos apêndices para publicação e actualizada com o avanço da investigação dos três anos subsequentes à defesa. O apelo a debruçar-se sobre o tema nasceu em certa medida do estudo sobre o clero de Amon na XXI dinastia, preparado para provas académicas anteriores e que desembocou em *O clero do deus Amon no Antigo Egipto* (Orientalia Lusitana, 2), Cosmos, Lisboa 1999.

A Introdução (pp. 21-101) assinala a descoberta e investigação das estatuetas funerárias egípcias, desde a nota de Champollion de 1827 a chamar a atenção para a sua importância até às obras quase definitivas das últimas décadas do séc. XX (F.-F. Aubert e L. Aubert, H. Schneider). Passando em revista diversas fases de investigação, chega-se às colecções oriundas do espólio de Bab el-Gassus (o chamado «segundo esconderijo», descoberto em 1891), distribuído em lotes «par tirage au sort» a vários museus do mundo, sobretudo da Europa (a Portugal caberia o lote 8º, guardado no Museu da Sociedade de Geografia de Lisboa). Descrevem-se sumariamente os 17 lotes atribuídos à Europa (16) e Estados Unidos da América (1), remetendo para notas os estudos sobre eles.

A I Parte desenvolve-se em três capítulos: «I Dos chauabtis aos uchebtis» (pp. 105-193), «II Os materiais e as técnicas» (pp. 195-267), «III O capítulo 6 do “Livro dos Mortos”» (pp. 269-328).

A II Parte estuda as estatuetas funerárias pela sua proveniência: Tânis (cap. I, pp. 351-366), Tebas (cap. II, pp. 367-534) e outras regiões do Egipto (cap. III, pp. 535-549).

A III Parte estuda as estatuetas funerárias existentes em Portugal. São, depois da «Introdução metodológica» (pp. 553-576), as «Estatuetas funerárias da XXI dinastia na Sociedade de Geografia de Lisboa» (cap. I, pp. 577-686), as «Estatuetas funerárias da XXI dinastia no Mu-

seu Nacional de Arqueologia» (cap. II, pp. 687-776) e as «Estatuetas funerárias da XXI dinastia noutras colecções» (cap. III, pp. 777-802).

Remata a «Conclusão» (pp. 803-886), a que se seguem os «Apêndices» (1. Lista onomástica da XXI dinastia [pp. 889-901], 2. Lista das divindades indicadas [pp. 903-906], 3. Lista de títulos das estatuetas [pp. 907-909], 4. Estatuetas de data incerta [pp. 911-927], 5. Museus com estatuetas funerárias [pp. 929-934]), a «Bibliografia consultada», dividida em Bibliografia geral (pp. 937-986), Bibliografia específica (pp. 987-993), Catálogos de museus e colecções (pp. 995-1013), Catálogos de vendas (pp. 1015-1017), as Abreviaturas (pp. 1019-1021) e os Índices (Índice de sarcófagos da XXI dinastia [pp. 1023-1056], Índice das ilustrações [pp. 1057-1062], Índice remissivo [pp. 1063-1114]).

O panorama é, como não podia deixar de ser, a investigação internacional do domínio especializado das estatuetas funerárias, a que o Autor chama, com outros, *chauabtis* e *uchebtis*, conforme a data de confecção (do Império Médio ao ano 1000 a. C. e depois dessa data, respectivamente). Só na III Parte entra em cheio o espólio português. E ainda bem, pois antes da investigação do Autor, de que a tese é só um testemunho (outros são os numerosos artigos da *Cadmo* e outras publicações e sobretudo o catálogo *Antiguidades Egípcias*, I, Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa 1993), as colecções portuguesas eram um enorme espaço em branco na Egiptologia. Não que se tenha de esperar pela última secção para deparar com o material existente em Portugal, pois ele vai aparecendo ao longo de toda a Obra. Veja-se, a título de exemplo, a «Iconografia das estatuetas» (pp. 223-267), o «Índice remissivo» para «Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa» (p. 1093) e «Sociedade de Geografia de Lisboa» (p. 1108), os exemplares provenientes de Tebas que cá vieram parar (pp. 367-534) e o capítulo 6 do *Livro dos Mortos* (dos dez exemplos apresentados com texto hieroglífico e versão, cinco pertencem a colecções portuguesas [pp. 300-310]).

Na III Parte podemos dizer que tudo é novo. Havia, é certo, a divisão do lote de estatuetas da Sociedade de Geografia feita no Cairo em fins do séc. XIX e que se manteve «cuidadosamente preservada durante mais de cem anos!» (p. 580). Dispuseram-se as oitenta e oito peças em cinco tabuleiros, acrescentando uma inscrição manuscrita: «Estatuetas funerarias egypcias. *Off. Do Museu de Guiseh*». Foi preciso virar as estatuetas para verificar que cada uma tinha nas costas uma pequena etiqueta numerada, de 1A a 46B. Antes de se iniciar o estudo fotografaram-se os tabuleiros (pp. 582-584).

O primeiro trabalho do Autor consistiu em identificar o proprietário de cada peça, mantendo a ordem em que se encontravam nos tabuleiros (pp. 586-588). Seguiu-se a criação de ficha adequada. Assim se pôde apresentar um esmerado catálogo das oitenta e oito peças: descrição (nº de colecção, dimensões, material, técnica, detalhes), texto hieroglífico, tradução portuguesa, tipologia (segundo H. Schneider), fotografia (a cores) de cara e costas (pp. 593-686).

Aplicou-se o mesmo método às outras colecções portuguesas. No caso das estatuetas do Museu Nacional de Arqueologia, as dificuldades foram maiores do que na Sociedade de Geografia, porque eram múltiplas as proveniências e as listas de entradas e doações omitiam os nomes das personagens que tinham encomendado os chauabtis. Das 128 estatuetas funerárias do Museu seleccionaram-se e apresentaram-se as pertinentes 76. Na «descrição», o nº de inventário (por ex., E 115 ou E 486 [R]), substituiu o anterior nº de colecção. E está por Egipto (exposta permanentemente) e R por Reserva.

O catálogo das outras colecções compreende 12 estatuetas (4 do Museu da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto e 8 de colecções privadas).

A conclusão situa novamente as cerca de 170 estatuetas funerárias da XXI dinastia no contexto internacional e abre pistas para a prosopografia do Império Novo e Época Baixa e para a religião aí praticada (nomes de divindades invocadas).

Compreende-se a divisão entre chauabtis e uchebtis. Menos evidente é a escolha de «chauabtis» em detrimento de «shabtis», forma geralmente utilizada por quem escreve em língua inglesa. É que, dos 26 exemplos do Segundo Período Intermediário e Império Novo transcritos em hieroglífico e transliterados (pp. 109-113), há só 5 «shauabti» (forma mais recente e mais «internacional» usada na bibliografia francófona, p. 44). Os restantes 21 lêem «shabti» com ligeiras variações ortográficas. Continuo a augurar que se adopte uma leitura uniforme e universalmente aceite, para não termos o mesmo vocábulo egípcio reproduzido na escrita latina como «chaouabti», «chauabti», «shaouabti», «shauabti», «shabti», «sjabti», «uciabti», conforme a língua e a inclinação do egiptólogo. Registo que em bibliografia francófona se começa a adoptar a transliteração do š por *sh*.

Em terminologia portuguesa sugiro que em vez de «contrames-tre» se use o óbvio «capataz», termo que escapa ao Autor para tradução do alemão «Aufseher», empregue para a mesma função (p. 237). Não conheço outro termo na região centro do país, onde nem proprie-

tários rurais nem jornalheiros conhecem o suposto «contramestre», provavelmente ausente do vocabulário agrícola português.

Isto de modo algum chega a toldar o denso conteúdo, bem servido por excelente apresentação gráfica e modelar reprodução fotográfica das estatuetas. Destinada ao mundo dos especialistas, a Obra não deixará de interpelar muitos leitores cultos do público geral. É um marco fundante da jovem Egiptologia portuguesa.

José Nunes Carreira

OTTO KAISER, *Gottes und des Menschen Weisheit. Gesammelte Aufsätze* (BZAW 261) Walter De Gruyter, Berlin/New York 1998, 321 pp. ISBN 0934-2575

O conhecido *alttestamentler* de Marburg reúne estudos dos dez anos anteriores sobre sabedoria bíblica e grega, junção que é mais um aliciante a juntar à fama do Autor. O espectro vai da exegese bíblica a Sócrates, dos estóicos a questões fundamentais da fé em Deus e da existência humana. No centro está o tema da finitude da existência humana remetendo para a infinitude e da imanência para transcendência de Deus. Não admira que tais temas, como o do *carpe diem* e o da amizade, tenham começado a ser debatidos coloquialmente com um amigo pelo Autor regressado da guerra de 1939-1945 e prestando serviço de enfermagem num hospital de retaguarda de Hamburgo. Os quinze estudos distribuem-se por 290 páginas, a que acrescem Índice remissivo («Register» pp. 291-318) – Antigo Testamento, apócrifos, Qumran, Novo Testamento, Talmude babilónico, Textos do Oriente Antigo, autores clássicos, pessoas e coisas, autores – indicação das primeiras publicações (pp. 319-320) e «Posfácio» (p. 321).

Os quinze estudos distribuem-se como segue:

«Die Ersten und die Letzten Dinge» (pp. 1-17); «Einfache Sittlichkeit und theonome Ethik in der alttestamentlichen Weisheit» (pp. 18-42); «Der Mensch, Gottes Ebenbild und Statthalter Gottes auf Erden» (pp. 43-55); «Erwägungen zu Psalm 8» (pp. 56-70); «Psalm 39» (pp. 71-83); «Schicksal, Leid und Gott. Ein Gespräch mit dem Kohelet, Prediger Salomo» (pp. 84-105); «Determination und Freiheit beim Kohelet/Prediger Salomo und in der frühen Stoa» (pp. 106-125); «Die Botschaft des Buches Kohelet» (pp. 126-148); «Beiträge zur Kohelet-Forschung: I. Grundfragen der Kohelet-Forschung (149-179); II. Literarische Probleme des Koheletbuches» (pp. 180-200); »Anknüpfung